HAL
open science

O pesquisador, seu projeto e a realidade do campo de estudo : de um projeto de pesquisa sobre a socialização nos movimentos sociais de luta pela terra a uma pesquisa local sobre o acampamento “Zé Maria do Tomé” e o contexto do movimento de luta na Chapada do Apodi

Daniel Thin

To cite this version:

Daniel Thin. O pesquisador, seu projeto e a realidade do campo de estudo : de um projeto de pesquisa sobre a socialização nos movimentos sociais de luta pela terra a uma pesquisa local sobre o acampamento “Zé Maria do Tomé” e o contexto do movimento de luta na Chapada do Apodi . [Research Report] FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico) - Brazil. 2016. halshs-01485409

HAL Id: halshs-01485409

https://shs.hal.science/halshs-01485409v1

Submitted on 17 Mar 2017

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L’archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d’enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Université Lumière Lyon 2
UFR d'Anthropologie, de Sociologie
et de science politique
Laboratoire Triangle
UMR 5206 CNRS

Universidade Estadual do Ceará
Mestrado Acadêmico do Programa
de Pós-Graduação em Sociologia

O pesquisador, seu projeto e a realidade do campo de estudo

De um projeto de pesquisa sobre a socialização nos movimentos sociais de luta pela terra a uma pesquisa local sobre o acampamento "Zé Maria do Tomé" e o contexto do movimento de luta na Chapada do Apodi

Professor Daniel Thin

Relatório sobre a pesquisa exploratória realizada durante a permanência financiada pela FUNCAP (Abril 2016 – Julho 2016)

Novembro 2016

Agradecimentos

Muitas pessoas contribuíram para permitir a realização dessa pesquisa exploratória. Desejo agradecer a todas e todos:

A professora Kadma Marques, pelo convite e a organizadora da permanência, organização que não foi sempre fácil e requereu muito trabalho,

Os professores do PPGS que participaram no seminário sobre a pesquisa,

O professor Max Maranhão pela visita da escola da comunidade Tapeba,

Os estudantes do PPGS com quem é agradável ensinar,

A socióloga Anne-Sophie Gosselin pela ajuda, as discussões sociológicas sobre a pesquisa, e os passeios na Beira Mar,

O amigo Romim pela ajuda também e pela acolhimento,

Os colegas e amigos, a professora Sandra Maria Gadelha De Carvalho e o professor José Ernandi Mendes da FAFIDAM pela ajuda com o movimento 21 e o acampamento, a primeira visita no acampamento Zé Maria do Tomé que foi a origem de meu interesse pelo acampamento, as discussões políticas e sociológicas e os bons momentos com eles e sua família,

O professor João Rameres Regis, diretor da FAFIDAM, pelo acolhimento na FAFIDAM e nas atividades na Chapada do Apodi,

Todas e todos os colegas da FAFIDAM pelo acolhimento,

Todas e todos os estudantes da FAFIDAM pelo acolhimento,

Todas e todos os estudantes do PPGS pelo acolhimento,

Todos os acampados que me aceitaram no acampamento,

Milena e sua família pelo acolhimento no acampamento, o trabalho em conjunto, as discussões, a confiança e a amizade,

Introdução e aviso

Esse relatório não é um relatório que apresenta conclusões ou resultados definitivos de uma pesquisa completa. O caráter exploratório do trabalho de pesquisa realizado durante minha permanência de abril até julho 2016, estava incluído no projeto inicial proposto para a FUNCAP. Cada pesquisa de forma etnográfica leva algum tempo para ser realizada. Além disso, uma pesquisa em um outro país que o país do pesquisador pressupõe um período de adaptação para conhecer, na prática, a realidade histórica, geográfica, sociológica, política do contexto geral da pesquisa. Ademais, a pesquisa sobre a questão da socialização no movimento social da luta pela terra, através da análise de um acampamento, depende da realidade local desse acampamento, realidade que implica um ajustamento ou uma adaptação da pesquisa, ou seja do seu objeto e da sua metodologia. Então, uma parte do trabalho feito consistiu em compreender a história e o contexto locais para ajustar as questões sociológicas iniciais desse contexto. Assim, o acampamento "Zé Maria do Tomé" não é tão ligado ao MST quanto eu pensei, o que obriga a mudar as questões iniciais sobre a socialização. Assim, o acampamento é incluído no movimento mais geral na Chapada do Apodi sobre as questões de água, de terra e de poluição pelos agrotóxicos, o que exige um conhecimento dos vários atores envolvidos...

Então, esse relatório apresenta o trabalho de conhecimento inicial necessário para realizar completamente o programa de pesquisa contido no projeto inicial de pesquisa. Ele apresenta também a metodologia da pesquisa *na prática*, ou seja, a maneira como se fez a pesquisa empírica, os obstáculos que ela encontrou e que estes relevaram do acampamento e da realidade na qual é incluído. Finalmente, esse relatório traz resultados ainda assim sobre o conhecimento da realidade do acampamento e sobre hipóteses relativa na variedade das socializações no acampamento[1].

[1] É possível qualificar esse relatório de relatório intermediário entre duas fases de pesquisas, mas sem saber como a pesquisa vai ser continuada.

O projeto inicial[2]

O projeto inicial era enraizado nas minhas pesquisas atuais e anteriores sobre a questão da socialização nas classes populares e a questão da socialização política e da socialização[3] em e pela ação coletiva e movimentos sociais. Ele considerou, como hipótese, que os movimentos sociais que passam pela instalação durável sobre terras ocupadas, do tipo do MST, como podendo constituir espaços e matrizes de socialização. Esta hipótese se baseou nas representações que a gente pode fazer lendo os textos e o site do MST ou, também, nas várias análises que apresentam as ações do MST nos acampamentos e assentamentos como um projeto de mudança da vida coletiva e individual. Além disso, a totalidade da vida dos indivíduos, das famílias e dos grupos nos acampamentos pode ser envolvida pelo movimento: a vida familiar, às vezes o trabalho, o tempo fora do trabalho, as sociabilidades de vizinhança ou de amizade realizam-se no acampamento e relacionadas com o movimento. Eu pude propor assim a hipótese de um processo de "envolvência contínua" de socialização[4] e de uma institucionalização da vida dos indivíduos e das famílias por meio do movimento e da vida nos acampamentos e assentamentos[5]. Partindo disso, fiz a hipótese de uma socialização que transforma profundamente e de forma durável os participantes, mas sem esquecer que nenhuma matriz de socialização está totalmente homogênea e que as contradições ou tensões sempre são possíveis, em particular aqui entre as disposições, as experiências ou as relações anteriores dos participantes "ordinários" e os princípios socializadores pautados pelo movimento e seus dirigentes, mas também entre diferentes participantes do acampamento que têm características sociais e percursos bastante diferentes. Vamos ver que essas diferences são bastante predominantes no

---

[2] O titulo do projeto de pesquisa era "Os movimentos sociais como espaços e matrizes de socialização. O caso dos *acampamentos* e *assentamentos* do MST no Estado do Ceará."

[3] A noção de socialização é entendida no sentido amplo que lhe dá Muriel Darmon: "a socialização, é então neste sentido, um conjunto de processos pelos quais o indivíduo é construído – podemos dizer também "formado", "modelado", "moldado", "fabricado", "condicionado" – pela sociedade global e local na qual ele vive, processos durante os quais o indivíduo adquire – "aprende", "interioriza", "incorpora", "integra" – maneira de fazer, de pensar, e de ser que são situadas socialmente." Ou ainda "maneira com a qual a sociedade forma e transforma os indivíduos". Muriel Darmon, *La socialisation*, Paris, A. Colin, 2006, p. 6.

[4] Émile Durkheim, *A Evolução Pedagógica*, Ed. Artmed, 1995. Emile Durkheim, *L'Évolution pédagogique en France*, Paris, PUF, 1999 (1938).

[5] Que, no mesmo tempo, são o lugar de uma incerteza ligada à incerteza do resultado da luta pela terra.

acampamento estudado e que elas produzem dificuldades e tensões na articulação das perspectivas de uns e outros.

Para realizar este projeto de pesquisa, tinha uma possibilidade consistindo em estudar os militantes ou os antigos participantes de um assentamento ou do movimento social. Se uma abordagem retrospectiva pode permitir analisar os efeitos da socialização pelo movimento social, ela tem limites para analisar o processo da socialização em si e ela tende a focar-se sobre os militantes (aqueles que se manterem dentro do movimento) e a ignorar ou deixar de lado outros participantes. Então, o projeto insistiu mais particularmente sobre os processos de socialização e os percursos dos participantes "ordinários" dos movimentos, das ocupações e da vida nos acampamentos, participantes "ordinários" que são potencialmente menos dotados em capitais culturais, escolar e simbólico[6] e em capital militante[7] que os militantes já "bem socializados" à ação e ao discurso político do movimento social[8]. Ademais, o objetivo da pesquisa era de analisar a socialização que "está se fazendo", as transformações em andamento, mas também, as resistências e tensões no processo de socialização, por exemplo nas resistências ou tensões ligadas à vida coletiva ou às tensões entre as crenças, maneiras de ser e pensar destes participantes menos dotados, membros de classes populares, talvez das frações inferiores das classes populares, e os discursos e práticas que os militantes promovem e incentivam. Da mesma maneira os interacionistas consideram que a socialização não pode ser confundida com as intenções das instituições[9], a abordagem da socialização dos participantes "ordinários" das ocupações considera que o processo de socialização e seus resultados nem sempre são totalmente conformes ou em consonância com as intenções socializadoras ou de formação dos movimentos e de seus militantes.

---

[6] Pierre Bourdieu, *Méditations pascaliennes*, Paris, Seuil, 1997.

[7] Frédérique Matonti et Franck Poupeau, "Le capital militant. Essai de définition", *Actes de la recherche en sciences sociales*, 2004/5 – 155, p. 4-11.

[8] Sem esquecer, no entanto, que a repartição entre "participantes ordinários" e militantes não é muito definida e que a existência de continuidades sociológicas entre uns e outros é provável. Não ignoro que pode ter diferenças importantes entre os militantes, os discursos e as práticas por várias razões que podem ser a ancoragem local da ação, uma relativa autonomia dada aos diferentes acampamentos ou instalações na sua organização, ou ainda nas diferenças ligadas aos percursos dos próprios militantes, seja seus percursos e suas obediências políticas, seja sua formação escolar ou profissional ou seus vínculos ou socialização religiosa, etc.

[9] Como no livro que se tornou clássico: Howard S. Becker, Blanche Geer, Everett C. Hughes, Anselm Strauss, *Boys in White: Culture Student in Medical School*, New Brunswich, Transaction Publishers, 2004 (1961).

Por último, a análise propunha situar os processos e os "participantes ordinários" nas configurações locais, entendidas no sentido de configurações de interdependência[10]. Estes participantes são também habitantes de um espaço local no qual eles têm ligações, relações de sociabilidade, relações familiares, etc. Os processos de socialização pela participação no movimento e no acampamento são assim mais ou menos inscritos nestas configurações locais. Eles entram em interpelação com situações locais, relações já instaladas, ou ainda relações com as instituições locais e com os agentes destas instituições. Esta consideração tem por consequência a necessidade de conhecer a situação e o contexto locais do acampamento e da ocupação das terras.

O campo da pesquisa e a metodologia empírica

Todo o que precede justifica uma pesquisa de tipo etnográfico com um campo de pesquisa localizado, o que supõe tempo para conhecer (um pouco) o contexto e a história locais e para observar a vida dentro do acampamento.

Apresentação do campo da pesquisa

O campo da pesquisa é o acampamento Zé Maria do Tomé que eu visitei uma primeira vez durante minha estadia no Ceará no mês de maio 2015 (convidado pelo MAPPS[11] e pelo MAIE[12] da UECE). A escolha desse acampamento foi ligada a esse primeiro contato, com um primeiro conhecimento da história do acampamento e com os contatos com colegas da FAFIDAM[13] que trabalham com o acampamento e o movimento de luta na Chapada do Apodi.

O acampamento fica na Chapada do Apodi perto do Limoeiro do Norte, dentro do perímetro irrigado Jaguaribe-Apodi e ao lado de um canal de irrigação deste perímetro. A ocupação da terra e a criação do acampamento aconteceram em Maio de 2014, depois vários anos de lutas pelas terras que são apropriadas pelas grandes empresas de agronegócio, pela água (também) e contra a poluição do ar, da água, e da terra pelos pesticidas e outros "agrotóxicos". Ocupação que aconteceu também depois do

---

[10] Norbert Élias, *Qu'est-ce que la sociologie ?*, Paris, Edition de l'Aube, 1991.
[11] Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade.
[12] Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino.
[13] Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos.

assassinato de Zé Maria do Tomé no dia 21 Abril de 2010, Zé Maria do Tomé, que era um morador da comunidade de Tomé e que lutou contra as grandes empresas sobre a questões da água e da poluição.

Então, este acampamento tem características que vão produzir efeitos sobre a pesquisa:

- é um acampamento não muito velho, com uma organização e uma população não bem estabilizadas;
- é um acampamento que não tem muitos militantes experientes (eu encontrei dois jovens militantes do MST que tinham feito somente um período de formação e que parecem pouco acostumados a falar em público e a organizar atividades. Parece que o acampamento têm dois outros militantes do MST, mas eu encontrei somente um durante uma visita oficial do acampamento. E o responsável do MST para esse acampamento não mora dentro dele, mas dentro de outro acampamento);
- o acampamento emergiu no contexto de uma luta local mais ampla que envolve várias comunidades e organizações ou movimentos da região; o que coloca a questão da articulação entre o acampamento e o movimento mais amplo na Chapada.

O trabalho empírico

O trabalho empírico empreendido neste acampamento e, também, com o movimento de luta na Chapada do Apodi, precisou muito tempo por diversas razões. Primeiramente, a entrada no campo de pesquisa e a aquisição de conhecimentos suficientes para realizar entrevistas e fazer perguntas pertinentes é particularmente longo quando o pesquisador não tem muitas relações com o campo de pesquisa e quando ele é muito estrangeiro ao campo e, também, ao país desse campo. Em segundo lugar, essa pesquisa foi uma pesquisa de tipo etnográfico e como escreveu Jean-Pierre Olivier de Sardan: "É necessário, no campo, ter perdido tempo, muito tempo, imenso tempo, para entender que estes tempos mortos eram tempos requeridos"[14].

[14] "Il faut, sur le terrain, avoir perdu du temps, beaucoup de temps, énormément de temps, pour comprendre que ces temps morts étaient des temps nécessaires. » Jean-Pierre Olivier de Sardan, « La politique du terrain. Sur la production des données en anthropologie », *Enquête*, n° 1, 1995, p. 74.

O trabalho empírico assumiu diversas formas dependendo do momento da pesquisa. Assim, para observar e para encontrar moradores do acampamento e pessoas que a gente pode chamar de "aliados" do acampamento, eu participei de várias ações na Chapada e em Limoeiro:

- A semana *Zé Maria do Tomé* (mês de abril) na FAFIDAM e nas várias comunidades da Chapada, com palestras sobre os problemas da Chapada e intercâmbio com os moradores das várias comunidades falando dos seus problemas locais, das suas experiências de luta e tentando construir uma luta comum.
- A romaria em homenagem a Zé Maria do Tomé (21 abril).
- A apresentação do filme "Doce veneno" na comunidade do Tomé.
- O encontro para constituir um "Comitê popular das aguas", na cidade de Apodi com várias comunidades, associações, sindicatos, acampamentos, professores, estudantes, etc.

Dentro do acampamento, eu realizei várias observações: observação de uma visita de um grupo de estudantes no acampamento com uma apresentação oficial do acampamento para um responsável do MST; observações da vida cotidiana do acampamento, passando vários dias no acampamento e, particularmente vários dias com uma família do acampamento com a qual eu comi, dormi (uma noite), trabalhei ajudando para a construção das novas casas da família e para a mudança em uma nova casa, e eu tive conversas sobre a vida do acampamento, os problemas encontrados e a biografia dos membros da família.

Eu realizei também quatro entrevistas: três entrevistas com moradores do acampamento, uma entrevista com uma mulher do Tomé que morou no acampamento durante quatro meses e que participa a todos os eventos da luta. Isso é provavelmente uma limite da pesquisa. Eu desejei realizar mais entrevistas com moradores do acampamento, mas eu escolhi realizar entrevistas somente depois de muitos momentos de observações e despois de ter um conhecimento maior da realidade local. E no fim de minha estadia, vários problemas no acampamento provocaram dificuldades para encontrar os moradores.

A pesquisa em atos e os efeitos de conhecimento

Falar da pesquisa em atos e das maneiras que se construíram as pistas de análises: a importância de uma análise reflexiva

Para compreender os primeiros resultados e as primeiras pistas de análises produzidos pela pesquisa, é necessário articular a maneira com a qual a pesquisa se fez na realidade da investigação no campo e esses resultados e pistas de análise. "A ciência consiste em fazer o que se faz sabendo-se e dizendo-se que é tudo o que se pode fazer, enunciando os *limites* da validade daquilo que se faz" escreveu Pierre Bourdieu[15]. A apresentação das *condições da realização* empírica da pesquisa responde a esse princípio. Além disso, contra uma perspectiva ingenuamente positivista em ciências sociais que traduz-se na expressão "recolha dos dados"[16], nós sabemos hoje que "os materiais de investigação devem ser tratados como efeitos da situação de investigação, e não como representações imediatas de uma realidade 'natural', prévia à observação"[17]. E a sociologia, como a ciência politica, tem muitos exemplos mostrando o valor heurístico das análises reflexivas sobre as condições da realização empírica da pesquisa que permitem não somente de controlar essas condições, mas também de produzir um conhecimento da realidade observada[18].

---

[15] Pierre Bourdieu, *Questões de sociologia,* Lisboa, Fim de Século - Edições, 2003, tradução de Miguel Serras Pereira, p. 58 (Primeira edição: Pierre Bourdieu, *Questions de sociologie*, Paris, Minuit, 1984.

[16] "O sonho positivista de uma perfeita inocência epistemológica oculta na verdade que a diferença não é entre a ciência que realiza uma construção e aquela que não o faz, mas entre aquela que o faz sem o saber e aquela que, sabendo, se esforça para conhecer e dominar o mais completamente possível seus atos, inevitáveis, de construção e os efeitos que eles produzem também inevitavelmente", Pierre Bourdieu, "Compreender", em Pierre Bourdieu (coord.) *A miséria do Mundo*, Petrópolis, RJ, Vozes, 2008, p. 694-695 (titulo original: *La misère du monde*, Seuil, 1993).

[17] "Les matériaux d'enquête doivent donc d'abord être traités comme des effets de la situation d'enquête, et non comme des représentations immédiates d'une réalité «naturelle», antérieure à l'observation.", Olivier Schwartz, "L'empirisme irréductible", Postface à Niels Anderson, *Le hobo, sociologie du sans-abri*, Paris, Nathan, 1993 (1923) p. 274.

[18] Bizeul Daniel, "Le récit des conditions d'enquête: exploiter l'information en connaissance de cause", *Revue française de sociologie*, 1998, vol.39, n°4, p. 751-787; Boumaza Magali, "L'expérience d'une jeune chercheuse en 'milieu extrême': une enquête au Front National", *Regards Sociologiques*, n°22, 2001, p. 105-121; Fournier Pierre, "Des observations sous surveillance", *Genèses*, 1996, vol. 24, n°1, p. 103-119; Gouirir Malika, "L'observatrice, indigène ou invitée ? Enquêter dans un univers familier", *Genèses*, 1998, vol. 32, n°1, p. 110-126; Grojean Olivier, "Les aléas d'un terrain comme révélateurs de sa structuration. Gestion et objectivation d'une relation d'enquête sur une mouvance radicale et transnationale", *Revue internationale de politique comparée*, 2010/4 Vol. 17, p. 63-76.

A análise reflexiva é particularmente importante no caso dessa pesquisa porque a distância do pesquisador com a realidade estudada, sobretudo no início da pesquisa, era maior do que outras pesquisas realizada em meu país. Fiel à afirmação que "o fato é *conquistado, construído e constatado"* [19], isto é, conquistado e construído contra as prenoções[20], os discursos oficiais, as percepções do pesquisador, etc., a experiência com esta pesquisa me confirmou que "conquista", "construção" e trabalho empírico não são momentos separadas. Na verdade, nesta pesquisa, o trabalho de conquista e de construção do fato científico se realizou durante todo o processo da pesquisa (e não só no início da pesquisa) porque cada nova fase da pesquisa era portadora de armadilhas de conhecimento, como vamos ver com os efeitos das diversas entradas no campo de pesquisa. A construção do fato científico é assim um processo permanente que precisa analisar o que acontece no campo, na investigação, nas relações entre o pesquisador e as pessoas do campo de estudo. Então, eu posso analisar minha pesquisa desse jeito como um trabalho que se construiu com "idas e voltas", com experiências diferentes no acampamento e com os acampados, etc. Podemos dizer também que essa pesquisa se fez como um mosaico científico como escreveu Becker[21]; ou seja, diferentes entradas no campo do estudo, diferentes papéis do pesquisador no campo, pouco a pouco se adicionaram para começar a construir um quadro da realidade sociológica do acampamento. Vamos ver como as maneiras de entrar no campo do acampamento vão construir pouco a pouco um objeto de pesquisa mais complicado e talvez um pouco diferente do objeto previsto no projeto inicia[22] .

Entradas diversas no campo da pesquisa e faces diversas do acampamento

A maneira de ter acesso ao campo de pesquisa ou de entrar nele é muito importante porque ela pode abrir e fechar portas, mostrar partes da realidade e ocultar outras partes,

---

[19] Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron, *O Ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia.* 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004; Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon et Jean-Claude Passeron, *Le métier de sociologue*, Paris, Mouton, 1983.

[20] Émile Durkheim, *As regras do método sociológico*, São Paulo, Martins Fontès, 2007; Durkheim Emile, *Les Règles de la méthode sociologique*, Paris, PUF, col Quadridge, 1990 (1895).

[21] Howard S. Becker, "Biographie et mosaïque scientifique", *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 62-63, juin 1986, p. 105-110

[22] Isso é particularmente frequente nas pesquisas das ciências sociais de forma "etnográfica" e quando o pesquisador está atento à complexidade da realidade e não contenta-se de aplicar o modelo de análise que consta no seu projeto inicial.

dar acesso a uma parte da população e impedir de encontrar outras partes, etc. Nessa pesquisa, as entradas no acampamento foram variáveis ao longo do tempo e em função das oportunidades. O que importa para a análise é que cada entrada mostra faces da realidade do acampamento, embora mesmo se não pudesse aceder realmente a uma dessas faces. Nenhuma dessas faces é mais "verdadeira", mais "autêntica" ou mais pertinente para a análise sociológica, mas cada face constitui uma parte da realidade social e política do acampamento[23]. Se cada entrada mostra sim uma dimensão da realidade, ela implica também uma variação dos papéis que eu tive e joguei no movimento e no acampamento. É uma questão central: quando o pesquisador vai dentro de um campo de pesquisa, sobretudo quando ele fica por um longo tempo, ele joga papéis, querendo ou não. Em outras palavras, as pessoas do campo de estudo vão atribuir papéis (ou papel) ao pesquisador, papéis que podem ser diferentes segundo os diferentes agentes, segundo as maneiras de fazer do pesquisador, suas caraterísticas sociais, etc. "O papel - ou os 'papéis', variáveis no tempo - que eles lhe [o observador] emprestam se alimenta tanto dos sinais que ele emite, conscientemente ou sem saber, como das classificações endógenas que eles dispõem para explicar-se a presença dele e dar um sentido a ela"[24].

Entrada pelo Movimento 21 e faces públicas

Para ter acesso a população e o campo de pesquisa, precisei de intermediários porque eu conheci o acampamento somente através de uma visita o ano anterior com dois professores da FAFIDAM e a narrativa da história do acampamento (e do movimento na Chapada do Apodi) que uma desses colegas gravou para mim; e também, porque o acampamento tem cuidado como a gente que não conhece e porque minha distância com a realidade do acampamento foi grande (incluído, no início da pesquisa, as dificuldades com a língua brasileira). Então, os primeiros intermediários foram os dois colegas da FAFIDAM que me convidaram para participar da sexta semana Zé Maria do

---

[23] É porque me parece pertinente de falar de uma construção analítica sob a forma de um mosaico cientifico.

[24] "Le rôle - ou les «rôles», variables dans le temps - qu'ils lui [l'observateur] prêtent se nourrit aussi bien des signes qu'il émet, consciemment ou à son insu, que des classifications endogènes dont disposent les enquêtés pour s'expliquer sa présence et lui donner un sens". Olivier Schwartz, Postface à Niels Anderson, *Le hobo, sociologie du sans-abri*, Paris, Nathan, 1993 (1923) p. 272.

Tomé organizada pelo Movimento do 21 abril (M21), a FAFIDAM e outras organizações[25], e que ocorreu principalmente no campus da FAFIDAM em Limoeiro do Norte. O que significa que eu não entrei diretamente no acampamento, mas entrei em um movimento mais amplo de luta para as questões das águas, das terras e dos agrotóxicos na Chapada do Apodi. O que significa também que as primeiras pessoas que eu encontrei foram professores da FAFIDAM e da UFC, estudantes da FAFIDAM e da UECE, pesquisadores de geografia, da questão da água ou da questão do clima, militantes do MST que não são do acampamento, militantes da Caritas, etc. e também, um deputado do Estado do Ceará[26].

O primeiro contato com os moradores do acampamento foi quando eles atuaram numa mística (na FAFIDAM) e quando eu participei de uma visita oficial do acampamento com um grupo de estudantes de geografia envolvidos em um programa de extensão. E foi uma visita muito formal. E o fim da semana eu vi uma parte do acampados que participaram na Romaria para comemorar a vida e a morte de Zé Maria do Tomé. Eu participei também a um intercâmbio (entre membros de sindicatos, de comunidades, etc. da Chapada) muito interessante para compreender a luta na Chapada, mas onde o acampamento aparece como um agente entre outros participantes.

Essa entrada e a maneira de começar a pesquisa teve consequências sobre a pesquisa e sobre meu lugar e meu papel no campo de pesquisa. Se, no início, minha presença suscitou uma curiosidade (quem é esse estrangeiro que participa de nossas ações públicas sem falar muito, que parece não falar bem nossa língua, etc. ?), rapidamente, para uma grande parte dos agentes do movimento da Chapada (e não somente do acampamento) eu apareci como um aliado, uma pessoa que vai apoiar a luta, por exemplo, falando dessa luta e da situação na Chapada do Apodi na França. Assim, muitas vezes, fui apresentado (às vezes publicamente) desta maneira pelos colegas da FAFIDAM e estudantes que participam do movimento 21. Além disso, minha presença

---

[25] O nome do Movimento do 21 abril (M21) é uma referência à data do assassinato de Zé Maria do Tomé, no dia do 21 de abril de 2010. Ele junta pessoas e organizações que lutam na Chapada do Apodi desde o assassinato. A sexta semana Zé Mario do Tomé foi organizada também pela Cáritas de Limoeiro, pelo MST do Ceará, pelo sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais do Apodi, pela Paróquia de Quixeré, pelo diocese de Limoeiro do Norte, pela organização popular de Aracati, e pela CSP conlutas.

[26] Por ocasião de uma Audiência publica da Assembleia legislativa do Ceará intitulada "Aquífero Jandaíra: as águas subterrâneas em questão".

cotidiana durante a sexta semana Zé Maria do Tomé, e também, durante outros encontros na Chapada do Apodi no decorrer da pesquisa produziu um reconhecimento do meu interesse para o que ocorre na Chapada do Apodi e no acampamento. Assim, em muitas reuniões, pessoas, camponeses vinham me cumprimentar e agradecer de participar das reuniões. Às vezes, pessoas pediram minha opinião sobre o movimento ou sobre o que aconteceu durante o evento no qual eu participei. Deste modo, pouco a pouco eu me tornei, mais ou menos, um "ator do jogo social" no qual eu participei: "O investigador é ator do jogo social nativo; desde a chegada dele, ele está envolvido, na maioria do tempo sem saber, em uma rede de alianças e oposições, ele é colocado em uma posição que será transformada no decorrer da investigação"[27]. Também, esse papel atribuído de aliado produziu um reconhecimento e um conhecimento por uma parte dos acampados que participaram das manifestações e reuniões da luta; esse reconhecimento foi às vezes invisível para mim até o fim de minha permanência quando uma mulher que eu encontrei no último dia de investigação no acampamento, me disse que ela se lembrava de mim na sexta semana Zé Maria do Tomé, seja quase quatro mês atrás.

Se a entrada pelo movimento da Chapada do Apodi (principalmente pelo M21) me deu um papel positivo para encontrar os atores do campo da pesquisa, no primeiro momento, eu não percebi as coisas que eu observei como uma face ou uma parte da realidade social do acampamento; eu vi as coisas como um obstáculo para minha pesquisa porque não pude ver a vida cotidiana do acampamento.

O risco e a medo de perder meu objeto de pesquisa

Então, eu percebi isso como um risco de perder o objeto inicial da pesquisa. Esse objeto foi a socialização no acampamento e minha entrada no campo de pesquisa me conduzia a conhecer um movimento mais amplo, muito interessante para quem se interesse pelos movimentos sociais, mostrando diferentes maneiras de lutar e a construção se fazendo

[27] "D'un côté, le chercheur est acteur du jeu social indigène; dès son arrivée, il est impliqué, le plus souvent à son insu, dans un réseau d'alliances et d'oppositions, il est placé dans une position qui se transformera dans le cours de l'enquête. De l'autre, il a une pratique qui lui est propre, depuis les entretiens dont il a l'initiative jusqu'à ses activités d'observation en passant par les milles et une manières de tirer parti du partage avec les sujets du même quotidien; la distance est produite et reproduite dans les activités composant cette pratique.". Gérard Althabe, "Ethnologie du contemporain et enquête de terrain", *Terrain*, mars 1990, n°14, p. 12.

de coordenações de várias entidades sociais para a luta... Mas isso podia me desviar do objeto inicial. Minha entrada no campo e os eventos dos quais eu participei constroem potencialmente dois objetos de pesquisa, dois objetos que pensei separadamente em primeiro lugar: o acampamento e as questões da socialização no seu seio; o movimento mais amplo na Chapada do Apodi que pode mostrar desafios da luta e da situação locais, maneiras de lutar e, também um "espaço" do movimento social[28] que se desenvolve na Chapada do Apodi. Dentro desse espaço, o acampamento não é central; ele é um ator entre outros. Sobre a questão da água na Chapada, água que é apropriada pelas grande empresas, a questão da poluição pelos agrotóxicos usados pelas grandes empresas[29], etc., vários atores são mobilizados. Posso citar alguns sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais, o MST, a caritas, o movimento 21, várias comunidades da região, etc. Assim, estão lutando na Chapada, professores da FAFIDAM, da UECE, da UFC, estudantes também, moradores das comunidades, moradores do acampamento e outros acampamentos e assentamentos, pequenos agricultores, etc.

A entrada pelo movimento mais amplo na Chapada do Apodi fornecia um meio de encontrar de vez em quando, moradores do acampamento e elementos para compreender o contexto da Chapada e assim do acampamento. Então, pouco a pouco, pareceu que esses dois objetos de pesquisa eram muito ligados e que não era possível tratar as questões que estão em meu projeto sem considerar outras questões mais amplas. Não era possível compreender os processos da socialização no acampamento sem considerar a luta mais geral na Chapada do Apodi. Assim, posteriormente, foi possível observar que uma parte dos acampados, encontravam militantes de vários movimentos e associações, e também professores, pesquisadores especialistas dos problemas da água, da poluição, da saúde, etc. Ou também, deputados que lutam contra a pulverização dos pesticidas por avião. Então, pude ouvir no acampamento, pessoas que mobilizavam palavras e argumentos dos pesquisadores e dos homens políticos durante discussões informais. Assim, podemos entrever uma socialização discursiva e também uma mudança da maneira de pensar e de perceber problemas pessoais e locais.

---

[28] Lilian Mathieu, « L'espace des mouvements sociaux », *Politix*, 2007/1, n° 77, p. 131-151.
[29] Isso é o ponto de vista dos atores do movimento na Chapada do Apodi.

A vista, finalmente, de uma face pública do acampamento, a face da luta na Chapada do Apodi

Finalmente, a entrada pelo M21 permitiu observar e conhecer a face pública do acampamento, a face da participação na luta na Chapada, para as terras, as águas, contra a poluição, etc. É provavelmente a face mais pública e a face que o pesquisador poderia guardar como a face mais importante porque é a face que mostra bem o acampamento como um movimento social ou como uma parte de um movimento social. E o pesquisador que trabalha sobre os movimentos sociais pode ser tentado de pintar e analisar principalmente essa face; além disso, é provavelmente a face que os militantes e os dirigentes do MST expõem mais quando a gente lê os textos do MST. Essa face pública foi particularmente visível no dia da assembleia intitulada "Aquífero Jandaíra: as águas subterrâneas em questão" na FAFIDAM, quando os acampados e os militantes do MST "atuaram" numa *mística*.

No início da assembleia, membros do acampamento Zé Maria do Tomé e, também, militantes do MST que não são deste acampamento, estão repartidos na sala, misturados com os outros participantes, mas de maneira a ocupar cada ponto do espaço. É o primeiro dia que é possível ver muitas pessoas que não são professores, estudantes ou militantes da Caritas e do movimento 21. Perto de mim, camponeses, com roupas do campo, chapéu típicos dos camponeses do Sertão, e, também, mulheres com os filhos delas, estão sentados e segurando objetos que eu identificarei mais tarde como objetos simbólicos dos "sem-terra" (pequenas cruzes feitas de ramos, papéis com palavras de solidariedade, de luta pela terra, pela reforma agrária, etc.). Quatro militantes do MST com camisetas e bandeiras do MST chegam e se colocam nos quatro cantos da sala. Depois, um líder local do MST começa a cantar na tribuna um canção com uma "sonoridade" de tipo religioso (é assim que a percebo) e que fala de terra, da vida dos sem-terra, etc. Ao mesmo tempo, os acampados se levantam para ir em procissão na base da tribuna e depositar as cruzes de madeira. Quando eles têm voltados para os assentos deles, depois de gritos de luta, uma nova procissão começa com homens levando uma lona de plástico preto, símbolo das barracas dos acampados dos sem-terra, outras pessoas mostrando cartazes e bandeirolas com palavras de ordem

> política (contra o que os militantes chamam "o golpe" ("Não vai ter golpe"), para a dignidade dos camponeses, para os direitos à terra e à água ("Água e vida digna para os agricultores e agricultoras da Chapada do Apodi CE/RN"), para a justiça ("Justiça já"), para a reforma agrária ("reforma agrária popular"), etc. No fim da procissão vêm os militantes ostentando as bandeiras do MST. Durante toda a procissão, há uma musica que a acompanha. Para falar a verdade, essa mística, a primeira que eu vejo, tem um efeito muito comovente sobre mim.

Observação do dia 21 abril do 2016 na FAFIDAM, Limoeiro do Norte

Se "As místicas são momentos nos quais se processam a construção de representações simbólicas, nas quais os Sem-Terra criam uma perspectiva socialmente compartilhada sobre si e sobre o mundo. São eventos em forma ritualística ou teatral, nos quais os Sem Terra constroem e reproduzem narrativas sobre sua própria identidade, sobre a luta pela terra, sobre a história e sobre a conjuntura social"[30] e se o MST encara a mística "como um fator de unidade, de vivenciar nos ideais"[31], aqui a mística aparece também como uma encenação pública do movimento e do acampamento. É a maneira como o acampamento se mostra no seio do movimento e em frente dos aliados deles (os professores, pesquisadores, estudantes, membros dos sindicatos e outros movimentos). E essa maneira insiste sobre a luta, mas também, sublinha a unidade e a solidariedade que o MST quer exibir. Então, é uma face pública que não é artificial ou falsa, mas que não pode mostrar a plena realidade do acampamento.

As visitas "oficiais" no acampamento

A entrada no acampamento foi em primeiro lugar uma entrada pelas visitas oficiais do acampamento. A primeira visita ocorreu durante o ano 2015 quando eu visitei o acampamento por duas horas com dois colegas da FAFIDAM. A segunda foi uma visita (no mês de Abril 2016) com um grupo de estudantes de geografia da UECE envolvidos nas atividades de extenção. Uma terceira visita foi uma mistura de visita oficial e de

---

[30] Johnatan Razen Ferreira Guimarães, *Coordenadas do possível: o lugar da violência e a legitimidade da ocupação de terras na adi 2.213-0*, Dissertação de mestrado, Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, 2015, p. 88.

[31] João Pedro Stédile, Bernardo Mançano Fernandes, *Brava gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 130.

encontro menos formal e mais pessoal, com um militante do MST morando no acampamento. O que caracteriza a forma oficial das visitas é que a gente pode encontrar para cada visita, mais ou menos, a mesma forma e os mesmos elementos que são apresentados. A descrição da visita com o grupo de estudantes permite entender melhor as características dessas visitas porque elas são mais visíveis e sistemáticas que durante as visitas com alguns visitantes. Um militante do MST, oficialmente designado[32] para apresentar o acampamento, toma a cargo o grupo de estudantes, assegura a visita e o acolhimento. Em primeiro lugar, os visitantes são reunidos para apresentar a história do acampamento ligada à luta dos sem-terra. Os valores do MST são destacados, os valores de solidariedade, de luta, de trabalho coletivo, principalmente. Depois de algumas perguntas, os militantes gritam palavras políticas relativas a reforma agrária, a luta pela terra, pela água, contra os agrotóxicos e as grandes empresas, aos direitos dos camponeses, e, no momento daquela visita, relativa a situação política no Brasil que os militantes do MST chamam "Golpe". Em seguida, o militante propõe uma visita do acampamento para mostrar as realizações do acampamento. Na verdade, ele insiste sobre as realizações coletivas no acampamento: a produção agrícola coletiva, as piscinas com água para as colheitas e para peixes e, também os lugares para reunir os acampados e falar da vida do acampamento, ou ainda para tomar conta das crianças durante as reuniões...

Assim, as visitas com uma natureza oficial mostram principalmente as orientações que os militantes dos MST e uma parte dos acampados querem dar do acampamento e da vida no acampamento: o projeto de uma vida coletiva, de um acampamento que não será uma adição, uma soma de produtores camponeses independentes, também, um projeto de uma agricultora familiar, saudável e autossuficiente. Em cada visita, os militantes e os acampados vão mostrar com muito orgulho os produtos do trabalho agrícola deles, me pedindo de tirar fotos das bananas ou das plantações de feijões... Aqui, é permitido de pensar que a dignidade dos camponeses está em jogo: é importante mostrar que os acampados são capazes de produzir o que é necessário à satisfação das necessidades. Mas também, isso tem uma dimensão política porque os acampados

[32] Quem designa ele não é muito claro. Pode ser discutido na reunião da coordenação do acampamento, mas também com os líderes locais do MST.

precisam mostrar que o acampamento é viável e pode responder aos critérios da reforma agrária ocupando uma terra que pode ser muita produtiva.

Então, as visitas oficiais do acampamento representam uma face pública que aponta uma parte da realidade da vida e do organização do acampamento, a parte mais próxima do ideal dos militantes, ao mesmo tempo que ela mostra o que podemos chamar o projeto para o acampamento. Esse projeto é importante para a análise porque vamos ver que tem tensões sobre este assunto e porque o projeto precisa de uma socialização coletiva para partilhar a mesma ideia do futuro do acampamento e para construir uma solidariedade entre todos os membros do acampamento.

Contudo, se os primeiros contatos com os acampados permitiram construir um primeiro conhecimento dos desafios da representação pública do acampamento para os militantes e acampados mais ativos no movimento de luta na Chapada do Apodi, eles deixaram "ângulos mortos" para a pesquisa. Em particular, não podia acessar à vida dentro do acampamento nem à organização interna dele. Era necessário encontrar outras entradas para aproximar-se de outras dimensões, menos oficiais, do acampamento.

Entrar diretamente no acampamento e aproximação das faces internas

Entrar no acampamento fora das canais oficiais

Não foi muito fácil entrar no acampamento sem o filtro do acolhimento oficial. Como o acampamento não era já oficializado como um assentamento e como os acampados se sentem ameaçados[33], não era possível entrar no acampamento sem estar convidado por um morador. O primeiro encontro no acampamento fora de uma visita coletiva e oficial, foi com um jovem militante do MST do acampamento. Ele foi designado para me receber (com uma colega da UECE). Na verdade, esse encontro foi um encontro entre visita oficial e encontro menos formal. Uma parte do encontro retomou as características das visitas coletivas e oficiais, mas uma outra parte foi mais informal: refeição com o militante, bate-papo com ele e sua família, encontro com mulheres preparando os produtos agrícolas para a feira do dia seguinte em Limoeiro do Norte...

[33] Vamos ver mais tarde que ameaçadas são bem reais.

No entanto, não foi possível instalar minha presença no acampamento nesse momento. Provavelmente, não foi possível reduzir a distância criada pela minha alteridade em relação à realidade do acampamento e às minhas dificuldades iniciais com a língua do campo. Provavelmente também, o papel de estrangeiro curioso para conhecer o que é o acampamento foi um obstáculo que não soube superar em um único dia.

Finalmente, a entrada que me fez ultrapassar as relações formais com o acampamento em quais meus interlocutores jogaram o papel de militante e de representante oficial do acampamento, passou por uma moradora que eu encontrei muita vez no movimento geral da Chapada do Apodi sem saber, no início, que ela morava no acampamento[34]. E quando eu marquei um encontro com Milena[35], eu pensei realizar só uma entrevista com o risco de obter uma entrevista bastante formal ou oficial. Mas Milena me fez passar atrás o véu dos discursos oficiais e militantes. Isso foi possível por causa de diversas características do encontro e de Milena, características que alimentam as análises da realidade do acampamento e dos acampados. Em primeiro lugar, o encontro não foi organizado pelas "autoridades" do acampamento ou do MST, o que fez uma grande diferença, reduzindo o aspecto oficial da entrevista, Milena não desempenhando ou, muito menos, o papel do porta-voz do acampamento. Em segundo lugar, Milena não é militante do MST e se ela tem responsabilidade no acampamento, sua história e seu percurso contribuem para manter uma distância que podemos chamar "analítica" com a organização do MST. Em terceiro lugar, e talvez sobretudo, a atitude de Milena é muito diferente quando ela participa da face pública do acampamento (representando este no movimento) e quando ela vive na vida cotidiana no acampamento. Essa observação confirme a análise de faces diferentes do acampamento e a importância política da face pública com muitos desafios de reconhecimento no interior do movimento da Chapada do Apodi e perante as instituições públicas. Então, na vida cotidiana que vou descobrir, os desafios são diferentes e as maneiras de ser e de fazer também.

---

[34] Aqui, é importante de sublinhar o tempo necessário para identificar os numerosos atores de um movimento, distinguir os diversos papéis de cada um, e deslindar a teia das relações.
[35] Esse nome não é o verdadeiro nome da pessoa. Todos os nomes das pessoas foram modificados.

Participar da vida cotidiana

Na verdade, quando comecei a participar um pouco da vida cotidiana de uma família do acampamento, não sabia que era possível fazer isso. Quando cheguei no acampamento, os porteiros não sabiam se Milena estava no acampamento. Tive que esperar um momento para entrar e ser acompanhado até a casa da família de Milena. Quando cheguei aí, Milena tinha esquecido do encontro e ela estava trabalhando com seu sogro, fabricando janelas e portas para a nova casa dele. Sua filha de quatro anos e um adolescente estavam também na casa. Milena me ofereceu um café e seu sogro me disse "senta-se rapaz". Fiquei um momento observando os membros da família na vida cotidiana, mas não pude ficar somente olhando e bebendo um café. Eu propus ajudar. Minha proposta não foi aceita imediatamente. Talvez foi uma questão de hospitalidade, talvez podia parecer surpreendente que um "intelectual" proponha trabalhar fisicamente. Seja como for, assim começou uma relação diferente daquela da entrevista. E, mais tarde, quando eu voltei no acampamento, ajudei a construir uma outra casa, ficando muitos dias com a família, comendo com a família, dormindo uma noite em uma rede[36] na nova casa em construção, etc. Foi uma oportunidade de muitas observações, de muitas discussões informais, etc. Por exemplo, eu pude observar (participando) a maneira de fabricar uma casa de barro, a resolução dos problemas práticos para fabricar esta com poucas ferramentas e matérias, a recuperação dos pregos e parafusos, etc. Aqui, as observações mostraram um "senso prático"[37] muito importante dos acampados que parecia ser uma herança familiar e da vida camponesa do Sertão, ou, em outras palavras, eu pude observar saberes práticos em ação, saberes que podem ser transmitidos só pela prática[38]. Pude observar também as relações dentro da família, relações de ajuda dos filhos e irmãos para fabricar a casa, a divisão do trabalho entre homens e mulheres durante o trabalho de construção da casa, os momentos de paleio

---

[36] As diferenças de *hexis* corporal entre o sociólogo francês e os camponeses brasileiros podem ser ilustradas pelas dificuldades que eu encontrai para dormir durante toda uma noite numa rede. É uma coisa descansar um pouco para um cochilo numa rede ; é outra passar uma noite numa rede. É uma maneira para o pesquisador de perceber como as maneiras de fazer e de ser são incorporadas.

[37] Pierre Bourdieu, *O senso prático*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

[38] O que autores chamam "saberes procedimentais". Geneviève Delbos et Paul Jorion, *La Transmission des savoirs*, éd. de la Maison des Sciences de l'Homme, col. Ethnologie de la France, Paris, 1984.

entre membros da família falando das crianças, brincando[39], etc. e com vizinhos que vêm a noite para pedir algo ou saber as notícias...

A possibilidade de observar e conhecer a vida cotidiana e um pouco da vida interna de uma família do acampamento, andou de par com mudanças da minha posição e dos papéis que foram imputados à minha presença no acampamento, ou, pelo menos, na família. Se as primeiras vezes que cheguei no acampamento, eu pareci percebido como um estrangeiro com intenções mal definidas, pouco a pouco uma parte dos acampados me reconheceu como um participante da semana Zé Maria do Tomé na FAFIDAM, da romaria do dia do 21 abril também e, assim, como alguém pertencendo à movida do movimento da luta na Chapada e dos aliados do acampamento. Quando fui vários dias no acampamento trabalhando com uma família do acampamento, eu tive o papel de um ajudante para construir as novas barracas da família, um aliado ajudando praticamente. Eu pude constatar que os guardiões da entrada do acampamento me deixavam entrar mais facilmente, dizendo que eles me conheciam e que podia estacionar o caro dentro do acampamento... Também, as pessoas me saudavam no acampamento. E no fim da minha estadia, uma mulher veio para visitar a família de Milena; ele disse que me viu ajudando na construção da casa de Milena e que eu falei com sua filha na FAFIDAM durante a semana Zé Maria do Tomé. Assim, muitos indícios mostram uma inclusão progressiva no acampamento como um aliado.

Além disso, com certeza, ao final, com a família de Milena, meu papel foi também aquele de um amigo (eu tenho também um sentimento de amizade com eles). Isso é muito ligado ao tempo passado com a família, à minha ajuda na construção da casa e, também, para levar (com meu caro) Milena e João, seu marido, no hospital quando Milena se machucou, etc. Esse papel de amigo[40] teve várias consequências: ele implicou de conservar uma distância analítica para não estar cegado pelas relações com Milena e sua família – essa distância se materializando, por exemplo, com momentos fora do

---

[39] Se existe uma dimensão mais difícil que outras a entender quando o pesquisador é bastante estrangeiro a realidade que ele está estudando, é a dimensão do humor e das piadas. Eu senti menos minha alteridade quando eu comecei a entender as piadas dos homens com quem eu trabalhei na construção da casa e, menos frequentemente, quando eu pude brincar com eles.

[40] Isso mostra um processo de socialização do pesquisador pelo trabalho de investigação empírica de tipo etnográfico e os contatos prolongados com a população da pesquisa.

acampamento para escrever meu diário de campo. Ele permitiu sobretudo ouvir coisas menos oficiais sobre o acampamento, a papel de amigo estando acompanhado de relações de confiança e o fim da estadia de um papel de "confidente" ou de pessoa com quem Milena e seu marido podiam falar das dúvidas sobre o futuro do acampamento ou das divergências com outros acampados. É assim que Milena me falou espontaneamente, quando estávamos preparando o almoço, das dificuldades encontradas no acampamento, o que ela percebeu como uma forma de divisão entre acampados e uma forma de descomprometimento da luta de uma parte dos acampados. E isso foi muito importante pois, vamos ver mais tarde, não pude acessar aos lugares dos debates entre os acampados.

A vida cotidiana no acampamento: uma vida "ordinária"?

Quando o pesquisador passa um dia no acampamento, ele não vê coisas muito extraordinárias. Ele vê uma vida cotidiana: pessoas indo ao trabalho, crianças indo para escola com o ônibus da prefeitura, pessoas tirando água potável na cisterna, etc. No momento da pesquisa, pude ver pessoas que construíam novas casas porque os acampados deviam se mudar mais longe do canal de irrigação que atravessa o acampamento. Então, a vida parece, mais ou menos, como a vida de uma comunidade camponesa ordinária. Posso dizer que por quem pensou ver uma mudança de maneira de fazer, de ser, não é visível aqui. O que é visível é um tipo de reprodução das maneiras de viver, de cozinhar, de fabricar as casas, etc. E também, falando da socialização, uma transmissão dessas maneiras entre gerações (pude observar varias gerações trabalhando juntos). Isso é um primeiro resultado: a vida no acampamento não é completamente diferente de uma outra vida no campo. Pode parecer pouco mas não é pouco para desconstruir tanto a visão encantada dos acampamentos como a visão negativa de uma vida ruim.

Mas se a vida cotidiana não mostrou uma vida de luta, de mobilização ou de debates políticos permanentes, foi possível, contudo, notar indícios de uma presença difusa do movimento na vida cotidiana. Naturalmente, o primeiro sinal dessa presença foi os postos para guardar as entradas do acampamento, a barraca com a bandeira do MST onde ficaram os guardiões; também, inscrições políticas (bastante velhas, feitas quando foi criado o acampamento no ano 2016) nas paredes do canal da irrigação ou na cisterna

de água potável... Também, tinha uma bandeira do MST em um canto da casa de Marcelo, o sogro de Milena... Outro sinal: quando o mesmo Marcelo interpelou seu neto, um adolescente, que não ajudou na construção da casa, Marcelo disse algo como "os sem terra devem se ajudar"[41]. Por último, fora das reuniões dos diversos grupos para a organização do acampamento, assisti a discussões políticas, a noite depois do trabalho, entre acampados vizinhos ou membros da família sobre os problemas da água na Chapada, os problemas do clima ou sobre as ameaças contra o acampamento. Só uma investigação mais sistemática sobre a presença e os efeitos do movimento na vida cotidiana permitiria compreender o peso da luta e do movimento na vida dos acampados e a maneira com a qual eles são articulados com a vida cotidiana e a vida de cada família. Ainda mais, seria necessário participar e observar as reuniões das instâncias "políticas" do acampamento.

A face escondida: a organização política interna

Entrando no acampamento, tinha um outro objetivo: observar a organização e o funcionamento do ponto de vista política, das discussões e das decisões sobre as relações internas no acampamento, as relações com os instituições federais (INCRA[42], DENOCS[43]...) ou locais (prefeitura...), a participação do acampamento o movimento na Chapada do Apodi, etc. Como Milena tinha responsabilidade no acampamento (como numerosos outros acampados), eu pensei ter uma possibilidade de estar aceito nas reuniões da coordenação do acampamento. Porém, eu pude observar somente uma reunião de um subgrupo de acampados encarregado de identificar e assinalar problemas no acampamento (nesta reunião, principalmente problemas do tipo "técnico"). A reunião foi realizada na frente da casa de Milena, no início da noite. Milena animou a reunião com dez participantes, todos homens. A reunião estabeleceu uma lista dos problemas no acampamento: o problema do abastecimento da energia que baixa ás vezes, o problema do abastecimento da água potável pela prefeitura do Limoeiro do Norte, problemas da segurança e da vigilância sobre as entradas e as saídas no

[41] Ele disse também que o francês ajudou e que não era normal que seu neto não ajudava.
[42] Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.
[43] O perímetro de irrigação da Chapada do Apodi depende do Departamento Nacional de Obras Contra as Seca (DENOCS).

acampamento, uma questão do pagamento de despesas para participar à alguma reunião com uma instituição oficial ou com o movimento da luta na Chapada... Uma discussão começou também sobre os auxílios do estado para o acampamento e os acampados, Milena e seu marido explicando que somente um assentamento pode receber auxílios do estado e que o processo do reconhecimento do acampamento como assentamento já não resultara. Alguns dimensões do funcionamento do acampamento são visível aqui: o fato que têm várias reuniões na diversas partes do acampamento para preparar a reunião e as decisões da coordenação do acampamento; o papel de animação e de responsável que pode ser assumido para uma mulher (estava Milena que escrevia as pedidas do grupo e que devia as transmitir na reunião da coordenação); os papéis diferenciados dentro na reunião em função dos conhecimentos de cada um (João, marido de Milena, que explicou porque o estado não dava auxílios ao acampamento).

Mas a participação a vida cotidiana de uma família do acampamento e o encontro com muitos acampados não abriram todas as portas ao olho do pesquisador. Assim, a porta das reuniões da coordenação do acampamento ficou fechada. É sobre esse ponto que meu status (papel) de estrangeiro ao acampamento se manteu, apesar do papel de aliado atribuído para uma parte dos acampados e dos participantes o movimento na Chapada. A primeira vez que eu perguntei para assistir as reuniões da coordenação foi com Pedro que me acolheu oficialmente para apresentar o acampamento. Sua resposta foi um pouco envergonhada {embaraçada}; ele pareceu hesitar, dizendo que isso devia ser uma decisão coletiva, etc. Quando eu perguntei a Milena, ela disse primeiramente “sim” e que ela vai perguntar a coordenação mas que não deveria colocar um problema. Mas durante minha visita seguinte, ela não me dou resposta e quando eu perguntei ela disse que a decisão não estava tomada e que ela ia pedir uma outra vês... Até o ultimo dia, foi assim. Pareceu que ninguém queria me dar uma resposta negativa, mas também que não estava possível de assistir ás reuniões da coordenação. Só o ultimo dia, quando eu perguntei diretamente Milena a causa da impossibilidade de assistir que ela me disse que desde o início a resposta da coordenação foi maioritariamente “não” (quase unanimemente). Então, o papel de aliado se combinou com o papel do olho estrangeiro ao acampamento que pode, senão ameaçar, mas prejudicar ou perturbar, com consequências de proibir minha presenças nas reuniões e, também, de tornar difícil de me dar uma resposta negativa.

Assim, eu não pude ver toda a organização política do acampamento, e sobretudo não pude observar as reuniões da coordenação do acampamento, onde têm as discussões mais importantes, onde a coordenação toma as decisões sobre as questões gerais do acampamento, onde as questões das relações com as instituições (como o INCRA) são abordadas e onde, provavelmente, as divergências entre acampados aparecem. Além da dificuldade pela pesquisa, isso pode permitir de entrever algumas características da situação do acampamento no momento da pesquisa. Estava um momento de grande incerteza quanto ao futuro do acampamento. O processos de regularização (para o acampamento torna-se um assentamento) estava começado, mas tinha discussões difíceis com o INCRA e o DENOCS sobre as famílias que podiam morar no futuro assentamento[44], sobre a repartição das terras, sobre a questão da água e da utilização do canal da irrigação... Ademais, a pesquisa ocorreu no momento de grande instabilidade política no Brasil e os acampados percebiam o "impeachment" da presidente Dilma Roussef como uma ameaça sobre a situação e o futuro do acampamento. Além disso, durante a pesquisa, tiveram dois eventos vividos como ameaças no acampamento. Um dia, policiais do batalho de choque da polícia militar, vieram no acampamento dizendo que eles estavam buscando presos em fuga. Um outro dia, um homem veio com uma arma de fogo e ameaçando de voltar com outros para expulsar os acampados. Estes últimos foram muito preocupados pelos eventos e tornaram-se desconfiados relativamente as pessoas entranhas ao acampamento. Então, posso sugerir a hipótese que a impossibilidade de assistir as reuniões da coordenação é uma expressao dessa desconfiança. Por outro lado, vamos ver que no momento da pesquisa, tinham tensões dentro do acampamento e entre acampados sobre a participação o movimento mais amplo na Chapada do Adopi e sobre a maneira de encarar o futuro do acampamento. E posso fazer a hipótese (a partir de discussões com Milena e João) que estas tensões estavam muito presente nas reuniões da coordenação e que os membros dela não desejavam um testemunha das divergências, talvez dos conflitos, ao seio do acampamento, sobretudo se recordamos {lembramos} a importância de uma apresentação de unidade e de solidariedade na faces públicas.

---

[44] Por exemplo, quando eu pedi o numero de família e de pessoas vivendo no acampamento, Pedro disse que ele não pode responder porque eles não querem dizer isso no exterior do acampamento par causa das negociações com o INCRA sobre a distribuição das terras ocupadas.

O acampamento e as condições das socializações: esboços de análise.

O trabalho empírico da pesquisa não permite de analisar todas os processos de socialização nem os percursos dos acampados, mas permite um conhecimento do contexto e da realidade do acampamento Zé Maria do Tomé, contexto e realidade que constituem as condições sociais das possibilidades dos processos de socializações. Longo do modelo de uma matriz de socialização, os elementos provisórios de análises sugerem a existência de socializações diversas ligadas as características do acampamento que são uma relativa heterogeneidade que se refere tanto as características sociais dos acampados como aos tipos de engajamento pelo acampamento, uma grande incerteza pelo futuro e a presença de divergências ao seio do acampamento.

Um resultado provisório pode ser que a unidade desse acampamento parece até agora muito frágil e que a socialização coletiva não parece muito grande, muito importante. É possível que isso seja um efeito da pesquisa, do tempo curto de mais para essa pesquisa ou das dificuldades para ver todas as dimensões da realidade sociológica do acampamento. Mas as investigações dentro do acampamento, a participação a vida cotidiana, a construção de laços e relações pessoais com alguns acampados mostram uma outra realidade que a face publica pode mostrar. Assim, a unidade que mostrou a mística durante a semana Zé Maria do Tomé parece menos grande quando a gente pode observar o acampamento desde o interior e quando as relações pessoais criam uma confiança.

Diferencias sociais dentro do acampamento e tensões sociais

Diferencias sociais não muito visíveis no primeiros momentos no acampamento

As primeiras vezes fui no acampamento, eu não vi diferencias sociais entre os acampados. Uma visita do acampamento mostra casas ou barracas que parecem bem semelhantes com madeiras, telas de plásticos, barro no paredes, mesmo se não para todas as barracas. Este olho primeiro e superficial tende a reforçar uma representação de uma população homogênea como parece no site do MST quando ele apresenta os

acampamentos e os assentamentos. Participando a construção de uma casa, eu compreendi par exemplo a importância das diferences entre as casas, diferences que mostram diferences sociais. Assim, se a maioria das casas estava feitas com paredes de barro, algumas casas ou barracas (o acampados falou as duas palavras) estavam feitas somente de madeiras. Com o tempo, eu vi também uma nova casa feita com tijolos e mais grande que outras barracas, uma casa que pareceu como uma mais rica...

Ademais, a vida cotidiana mostrou diferencias sociais entre famílias como o caso de uma família que pareceu um pouco estigmatizada. Assim, perto da nova casa da família de Milena e João, uma família morou numa casa com paredes feitos somente de madeiras sem barro e com toldos de plástico. A maneiras de falar dos pais, o roupa deles, e outros sinais evocavam uma família das fracções inferiores das camadas populares do campo. As relações da família de Milena com essa família estavam uma mistura de estigmatização e ajuda. Assim, pude ouvir comentários e falatórios[45] três ou quatro vezes sobre os membros dessa família "pobre". Por exemplo, membros da família de Milena gozaram da mãe vindo pedir frutas para comer (Marcello disse algo como "ela deve tomar as frutas podres"; seus filhos brincaram) ou troçaram das crianças que não falavam bem português. Mas pude também observar uma forma de ajuda e de solidariedade com essa família. O dia da mudança da casa de Milena, um menino dessa família veio para propor de ajudar; um pouca mais tarde sua irmã e seu irmão vieram também para ajudar a mudança do moveis de uma barraca a nova casa. Milena deu-lhes bebidas e comida e me disse essa família é muito pobre e que ela ajuda ela dando frequentemente comida. Se a maioria das famílias do acampamento são pobres, têm diferencias de recursos e, também de "respeitabilidade"[46] no acampamento. As diferencias de recursos podem ser de tipo "cultural" e "simbólico": maneiras de falar, recursos linguísticas diferentes, conhecimentos diferentes, reconhecimentos sociais diferentes, etc. Mas elas são também e talvez sobretudo, diferencias de recursos materiais. Eu pude distinguir diversos tipos de situações familiares: famílias sem

---

[45] Norbert Elias e John L. Scotson mostraram como os falatórios concorrem na estruturação das relações sociais dentro ume comunidade. Norbert Elias e John L. Scotson, "Observations on Gossip", *in The Established and the Outsiders*, London, Frank Cass and Co., 1965.

[46] Richard Hoggart, *La culture du pauvre*, Paris, Minuit, 1970; Beverley Skeggs, *Des femmes respectables. Classe et genre en milieu populaire*, Paris, Agone, L'ordre des choses, 2015.

recurso, sem teto no exterior do acampamento, sem terra; famílias com uma casa em outro lugar que no acampamento mas sem terra; famílias com possibilidade de solidariedade entre membros da família e família sem essa possibilidade; famílias que podem pagar alguém para ajudar a construção da nova casa e família que não podem; família que pode utilizar um trator para trabalhar a terra atribuída pelo INCRA; famílias que têm um pouco de terra no exterior do acampamento.

As diferencias de situações e de recursos têm por efeito de produzir desafios diferente entre as famílias e também relações com o futuro diferentes. Para as famílias mais pobre, se o acampamento não consegue a manter-se, tem nenhuma solução e o futuro depende do sucesso da ocupação das terras. Para famílias com um pouco de recursos, com uma casa no exterior do acampamento, tem possibilidade de viver, mesmo se não são boas condições de vida... Para algumas famílias com recursos mais importante[47], o acampamento pode ser uma oportunidade de desenvolver um comercio de produtos agrícolas.

Tensões dentro do acampamento e alteração da solidariedade

Essas diferencias sociais com diferenciais de recursos se revelaram o fim da investigação e através de tensões que surgiram sobre o futuro do acampamento e quando tinha a possibilidade de assentar de forma duradoura com terras para cada família. Assim, quatro ou cinco famílias começaram um tipo de agricultura intensiva com bananas e mamões. Uma dessas famílias estavam a família que construiu uma casa inteiramente com tijolos. Nessa ocasião, grandes divergências e tensões no acampamento foram relatados para meus anfitriões. Para eles, o desenvolvimento de uma (pequena) agricultura intensiva com uma monocultura ia contra o projeto incluído na luta na Chapada do Apodi à qual o acampamento participava. Eles dizia que a agricultura intensiva de bananas ou de mamões supõe uma grande consuma de água e o utilização de produtos "agrotóxicos" (sobretudo pelas bananas). Eles disse também que esse tipo de agricultura não é uma agricultura "sustentável" e que ela não permite à todos o pequenos camponeses de prover ás necessidades. Aqui, não posso falar do ponto

[47] O leitor deve lembrar-se que isso esta relativo; as famílias com um pouco mais recursos são famílias de pequenos produtores.

da vista daqueles que começou a agricultura intensiva porque essa situação apareceu o fim da investigação no acampamento[48]. No entanto, isso mostra tensões sociais e políticas que combinam desigualdades sociais dentro no acampamento e motivos de comprimento {engajamento} no acampamento e na luta local. E estas tensões ou divergências tiveram consequências como a solidariedade pela luta do acampamento e como a mobilização de cada um para as reivindicações do acampamento (é assim que foi difícil de encontrar acampados aceitando de participar em ume reunião como a agencia da água para falar da ameaça de fechar a água do canal de irrigação). Então, podemos ver uma heterogeneidade social, e perspectivas divergentes que podem ameaçar o futuro do acampamento ou decidir de orientações diferentes na organização do acampamento, na vida dos acampados e diferentes ao plano político.

Precariedade da vida e acampamento pouco institucionalizado

O acampamento em um processo muito instável

Se as diferenças entre os acampados e a heterogeneidade no acampamento não são adequadas a processos de socialização unificados, tem uma outra condição {característica} do acampamento que pode explicar processos de socializações muito diversificados e mais ou menos divergentes[49]. É um acampamento, então um objeto, muito instável. Quando eu comecei a pesquisa, a situação do acampamento pareceu se estabilizando com o acordo da INCRA para dar terrenos aos acampados (o acampamento podendo se tornar um assentamento). Aliás, o trabalho de mudança e de reconstrução das casas ao qual eu participei mostrei um processo de estabilização. Mas, ao fim do meu trabalho empírico, a situação pareceu um pouco diferente e menos estabilizada. Ao mesmo tempo, a precariedade inerente a situação de um acampamento pareceu piorando, ou, pelos menos, o sentimento de precariedade e de incerteza do futuro pareceu crescer entre os acampados. As flutuações {vicissitudes} no processo de regularização do acampamento, ligadas nomeadamente as mudanças nas instituições encarregadas da reforma agrária no Brasil, levaram dúvidas quanto a perenidade do

---

[48] E, obviamente, não é meu papel de dizer o qual modo de agricultura seria a melhor pelo o acampamento e os acampados.

[49] É também uma outra razão ou explicação das limites da pesquisa sobre as questões da socialização.

acampamento ou quanto a propriedade das terras. As visitas das policiais e a ameaça de um homem com uma arma ou, também, o risco de fechada do canal do irrigação que cruza {atravessa} o acampamento em Julho de 2016[50], causaram um sentimento de ameaça difusa e colocaram interrogações sobre a possibilidade de continuar a viver no acampamento. Então, o fim da pesquisa, um parte dos acampados perguntavam-se se eles deviam ficar o sair, perguntas que aumentaram as tensões entre acampados sobre o futuro do acampamento. Algumas famílias deixaram o acampamento nessa altura, incluindo a família de um militante do MST. Aqui ha uma pista de investigação que poderia ser prosseguido. Todos os acampados não podem sair do acampamento em função dos recursos e das possibilidades de viver fora do acampamento. Mas, também, todos os acampados não têm as mesmas disposições[51] para resistir a incerteza e a precariedade da situação do acampamento. Se, como disse a Milena, é um processo e uma luta, podemos fazer a hipótese que uma parte dos acampados não têm disposições para persistir quando o futuro parece confuso e quando as ameaças são maiores, quando outros têm disposições a lutar ao longo tempo. Só uma analise dos percursos anteriores dos acampados, das experiências de luta ou de precariedade permitiria de compreender as diferences de socialização e de disposições entre acampados e assim de compreender as diferences de posições em frente das dificuldades do acampamento. De mais da instabilidade e da fragilidade do acampamento, e ligados a essas características, o acampamento pareceu pouco unificado porque o funcionamento do acampamento estava pouco institucionalizado, com pouco quadros e pouco militantes experientes. Aliás, não foi fácil de ver diference entre militantes e acampados que não foram militantes. Seja como for, a conjunção da instabilidade e de um enquadramento fraco teve por consequência que nenhum processo de socialização coletivo e unificado pude estar revelou na pesquisa. Se, como o sublinha Susana Bleil[52], o objetivo da formação e da educação nos acampamentos ou assentamentos, mas também a organização da vida coletiva[53] é de "fazer comunidade", com o sentimento de pertencimento e de identidade

---

[50] Sem água o acampamento não pode sobreviver.
[51] Bernard Lahire, *Retratos sociológicos. Disposições e variações individuais*, São Paulo, Artmed, 2004.
[52] Susana Bleil, *Vie et luttes des sans terre au sud du Brésil: une occupation au Paraná*, Paris, Éd. Karthala, 2012.
[53] Susana Bleil, « Comer juntos: confirmar a comunidade no quotidiano », *IdeAs* [En ligne], 3 | Hiver 2012, mis en ligne le 13 décembre 2012, consulté le 15 octobre 2015. URL: http://ideas.revues.org/536

comunitária e militante, sou forçado de constatar que o acampamento Zé Maria do Tomé foi longo desse objetivo no momento da pesquisa.

Configurações e socializações encaixadas ou separadas?

Então, no momento da pesquisa, o acampamento não pareceu como um espaço de socialização unificado e unificando[54]. Mas pareceu mais como um conjunto de configurações, usando o conceito de Norbert Elias[55], que estavam ligadas para a organização comum do acampamento, mas que não ficavam sempre bem junto ou como aos mesmos objetivos... Para Elias uma configuração é uma configuração de relações de interdependência. E dizer que uma configuração é o resultado das ligações entre os membros, ligações que são ao mesmo tempo solidariedade e dependência. Então, para simplificar e provisoriamente (porque é provavelmente mais complicado), posso pôr em evidencia dois tipos de configurações: as configurações familiares e a configuração constituída pelo acampamento se mesmo ligado o espaço da luta.

Configurações familiares

Quando a gente vive um pouco no acampamento, pode ver que os acampados vivem em grupos familiares, que a vida cotidiana não dá muitos momentos de vida coletiva e mesmo de encontro entre grupos familiares diferentes. Por exemplo, a participação a pequena feira do sábado no Limoeiro do Norte para vender algumas frutas ou legumes parece uma coisa de família ou de vizinhança...

Então, posso dizer que para uma grande parte, o acampamento é constituído de configurações familiares mais ou menos grande. Algumas parecem limitadas aos membros presentes no acampamento (talvez é o caso da família mais pobre que eu vi); outras parecem mais grande e não limitada ao acampamento. É dizer que uma configuração familiar pode ser constituída de membros que moram no acampamento e dos membros que moram em outros lugares. É o caso da família de Milena com que eu trabalhei mais e eu vivi alguns dias. Uma parte dos membros vivem em uma

---

[54] E ainda menos como uma "matriz de socialização".

[55] Norbert Elias, *La Société des individus*, Paris, Fayard, 1991; Norbert Elias, *Qu'est-ce que la sociologie ?,* Paris, Edition de l'Aube, 1991.

comunidade que fica mais ou menos a vinte quilômetros; no acampamento tem a família do avo, a família de Milena, um irmão do avo. É um outro irmão do avo morou no acampamento mas saiu porque o futuro e a vida no acampamento parece imprevisível demais para ele, com duvida demais e com dificuldades demais... Os filhos de Milena não vivem permanentemente no acampamento, mas com uma irmã de Milena em um povoado longe do acampamento (para ter uma melhore escola)... Posso falar também do exemplo da Luiza que mora no acampamento com seus filhos, mas seu marido morra também em um pequena comunidade nos arredores do acampamento porque ele tem uma pequena oficina de mecânica. Assim, Luiza tem relações dentro essa comunidade. Eu observei também a família de um militante do MST que reunia três gerações ou um grupo de acampados com duas famílias que trabalhavam sempre junto por exemplo par vender produtos na pequena feira na cidade próxima.

O que aparece aqui e a importância das ligações anteriores a vida no acampamento, ligações pelos menos tão importante que as novas ligações dentro do acampamento. E como não é somente uma população local que decidiu de ocupar as terras porque ela perdeu sua próprias terras na Chapada[56], os laços sociais e as configurações de relações podem incluir espaços muitos amplos que o espaço local onde fica o acampamento. Então, parece que a o organização do acampamento é uma organização que depende muito das configurações de relações anteriores ou exteriores ao acampamento (relações familiares, relações de comunidades...) e, aliás, no início do acampamento, a organização formal deste último foi baseada em relações anteriores à criação do acampamento.

Ademais, as observações da família de Milena mostram uma forma de solidariedade tipicamente e quase exclusivamente familiar. Assim, para construir as novas casas, são todos os irmãos que vieram de suas aldeias, com as esposas e os filhos deles, para ajudar e participar ao trabalho de construção das casas (para os homens) e para ajudar a

[56] Todos os acampados não são da Chapada do Apodi nem sequer das comunidades próximas do acampamento (como eu pensei antes do conhecer o acampamento e a Chapada). Uma parte das pessoas vêm de cidades ou de outras regiões. Isso coloca a questão das migrações internas no Ceará e ainda mais no Brasil. Sem poder estudar essa questão, é possível que a questão dos percursos migratórios tem um efeito sobre a socialização no acampamento, as relações entre famílias do acampamento, as sociabilidades, etc.

cozinhar (para as mulheres). Assim, durante vários finais de semana, uma grande parte da família se reuniu para trabalhar na casa do avó, e depois, naquela de Milena e João. Minhas observações de uma solidariedade sobretudo familiar, foram confirmadas pelo discurso de João que disse que dentro do acampamento a ajuda é principalmente uma ajuda familiar e que a ajuda entre as famílias do acampamento não é frequente, nem importante, e, também, pela observação de pouca circulação de ajuda entre as famílias. Uma consequência disso foi que os acampados um pouco isolados, sem uma configuração familiar ampla ou com relações familiares degradadas, tinham dificuldades para realizar a construção de novas casas requerida pelo INCRA. As configurações familiares funcionam como recursos mais ou menos importante segundo a forma de cada configuração e o tipo de laços dentro da configuração. Então, o acampamento, por um lado, longe de constituir, ao momento da pesquisa[57], uma comunidade de entreajuda (fora a luta ou os momentos de conflitos com as instituições), pareceu bastante com uma soma de configurações familiares que evocam, cada uma, a "solidariedade mecânica"[58].

No que diz respeito à socialização, as configurações familiares são o lugar de uma socialização de reprodução e de reforço[59]. Participando na vida da família de Milena, eu observei os aprendizagens e a transmissão das maneiras de fazer em diversas áreas. Isso está evidente sobre aos saberes práticos como os saberes para edificar as casas de barro na tradição campesina nordestina. Os saberes-fazer para ligar as madeiras, dispor as telhas, cobrir as paredes com barro eram transmitidos pela prática, os mais experientes mostrando aos "novatos" (como eles fizeram comigo quando ajudei). Mas além de uma transmissão de saberes práticos que permitem construir uma casa com poucos materiais e com materiais que não precisam ser comprados, é também uma ética tradicional do trabalho, da economia dos materiais (e da recuperação dos objetos usados), etc. que se perpetua. Também, o que se mante e se reproduz são as formas de relações familiares

---

[57] É importante recordar que o acampamento é recente e que uma estabilização poderia mudar as relações ao longo do tempo.
[58] Emile Durkheim, *De la division du travail social*, Paris, PUF, 1978 (1893).
[59] Muriel Darmon propõe uma tipologia das "socializações secundárias", falando de uma "socialização de reforço", de uma "socialização de transformação" (modificações limitadas das disposições, das maneiras de fazer, de ser, etc.) e de uma socialização de conversão" (modificações mais radicais). Muriel Darmon, *La socialisation*, Paris, A. Colin, 2006.

com a ajuda entre os membros da família, com o princípio da solidariedade familiar por exemplo[60] ou com a divisão do trabalho entre homens e mulheres[61]. Então, parece que dentro da configuração familiar (pelo menos na família de Milena, mas tenho indícios que isso é mais geral) fica uma socialização de reprodução da vida camponesa[62] que não é diferente da vida e da socialização camponesa no exterior do acampamento. Quer dizer que a existência do acampamento não altera nada? Não é possível afirmar isso porque, talvez, essa reprodução não seria possível sem o acampamento. Quer dizer que se as famílias não têm mais terras e devem abandonar a vida no Sertão para emigrar para as grandes cidades do Ceará (ou outro estado do Brasil) ou viver como empregados das grandes empresas do agronegócio, a reprodução da vida tradicional talvez não é tão possível. Então, a hipótese de que o acampamento oferece uma possibilidade (precária) de reproduzir e manter uma forma de vida familiar tradicional do Sertão parece pertinente.

Configuração do acampamento e configuração da luta

Mas além disso, é fato que as configurações familiares se inscrevem no conjunto do acampamento e parece necessário considerar a configuração de relações de interdependência que constitui o acampamento que podemos alargar provisoriamente[63] ao espaço da luta e do movimento da Chapada.

Eu escrevei acima que não pude acessar bem ao conhecimento da organização coletiva do acampamento. Mas pude observar um pouco as dimensões coletivas do acampamento durante as manifestações públicas. Isso mostrava laços entre membros do acampamento envolvidos para os desafios comuns e os momentos de luta comum. Desse ponto de vista, os membros do acampamento são, mais ou menos, interdependentes (mais ou menos porque nós vimos que alguns podem sobreviver sem o acampamento enquanto parece mais difícil para outros). A interdependência é grande para manter o acampamento e as necessidades da vida dentro do acampamento: obter

---

[60] A sogra de Milena me disse seu orgulho da solidariedade e do entendimento entre seus filhos.
[61] Ver infra.
[62] Incluindo também as maneiras de comer, de cozinhar, de dormir, etc.
[63] Provavelmente, seria necessário distinguir a configuração do acampamento e a configuração formada pelo movimento da luta na Chapada na qual ele participa. Mas, no momento desse relatório, com os materiais analisadas, não seria heurístico dividir analiticamente as duas configurações.

água potável, obter um ônibus para levar as crianças às escolas, vigiar as entradas do acampamento para evitar qualquer ameaça, negociar com as instituições para o futuro do acampamento, lutar contra a polução da água e das terras, etc. Na verdade, esta interdependência se manifesta precisamente e sobretudo quando há ameaças ou novos desafios para o acampamento. Ela pode se manifestar através da mobilização de todos os acampados ou, pelo contrário, pelo afastamento de alguns que vai enfraquecer o acampamento e a luto de todos.

Menos visíveis que nas configurações familiares nesta fase da pesquisa, tem também efeitos de socialização pela participação ao acampamento e ao movimento da luta. Se não é possível descrever todos os processos e os efeitos de socialização, posso indicar várias dimensões que mostra ou sugere a pesquisa e que mereceriam investigações e análises complementares. Observei pouco processos ou ações de socialização organizada de maneira sistemática pelo MST ou outra organização militante e isso deve ser analisada como uma consequência da situação instável e pouco institucionalizada do acampamento. Contudo, posso evocar duas ações do MST participando na socialização dos acampamento ou de uma parte deles.

Em primeiro lugar, há as formações que o MST propõe a aqueles que querem se tornar militantes do MST. Assim, dois jovens acampados participaram numa formação do MST na escola deles em Fortaleza, uma formação para aprender a legislação da reforma agrária no Brasil, os princípios do MST, a maneira de organizar a luta e a ocupação das terras. Um deles foi meu interlocutor na primeira visita individual do acampamento. O segundo apresenta o acampamento no encontro na cidade de Apodi para constituir o "Comitê Popular das Águas Ce/Rn" com outras comunidades e sindicatos. Para os dois, existe assim uma socialização militante misturando formação formal, de tipo escolar, e experiência de apresentar o acampamento e o MST, de defender as ideias, os objetivos, etc. do movimento.

Em segundo lugar, a mística parece importante não somente para dar uma representação do movimento dos sem-terra e dos acampamentos, mas também para criar uma adesão coletiva ao movimento. Nós vimos as dificuldades da unificação do acampamento em torno de uma visão comum do futuro do acampamento. Então, não está certo que a mística seja suficiente para unificar os acampados. Contudo, a observação da mística na

Limoeiro do Norte, mostra, no momento, acampados muito envolvidos na cerimónia e durante as entrevistas Milena e Luiza insistiram sobre a mística que deve ser prolongada na vida cotidiana do acampamento para fortalecer a comunidade e dar aos acampados o sentimento da vida comum, da cultura comum e do conhecimento necessário para a vida dos pequenos agricultores: "*o conhecimento que eu tenho de mística é assim. É cultura, amor e conhecimento. Três coisas: cultura, amor e conhecimento. E o que é que eu gosto de cultura? Cultura eu gosto de música. E na música o quê que eu gosto? De fazer as pessoas felizes e o conhecimento da importância da, assim, de um bem-estar? Frutas saudáveis. Envolvem frutas, uma apresentação de frutas. [...] E tudo. Cultura, voltando à cultura. Recitar um poema, fazer com que as pessoas se sensibilizem com aquele poema e se sensibilizem com o trabalho que gerou aquelas frutas, aquelas verduras e hortaliça. [...] Que é a luta, que muitas místicas também nós fazemos apresentações com enxada, como foice, com facão, que é uma representação, uma simbologia, de uma luta, de uma conquista*" (Luiza, moradora do acampamento). Então, com Luiza, a mística aparece como um aprendizagem de valores, de princípios de luta e de vida no acampamento (e nos assentamentos). A verificação da hipótese de processos de socialização com a mística requereria uma análise das maneiras de aprender a mística e uma análise dos efeitos, provavelmente diferenciados segundo os acampados.

Outras dimensões da socialização no acampamento são mais difusas, informais, não institucionalizadas, e se realizam pela participação na organização do acampamento e na luta do acampamento e do movimento da luta da Chapada do Apodi.

Muitas vezes, alguns acampados (não todos e provavelmente, pouco a pouco, alguns acampados se tornam porta-voz do acampamento) tomam a palavra em público e assim surge a questão de apreender a fala em público, o argumentar tanto sobre questões da vida cotidiana como sobre questões mais geral, mais políticas ou mais técnicas. Penso aqui na minha pesquisa com os grupos de mulheres dos bairros populares na França. Eu vi como algumas aprendiam a controlar a raiva para argumentar passando dos gritos à palavra, ou como outras, que se percebiam como "tímidas" aprendiam a falar em

público, passando do silêncio à palavra pública[64]. Aliás, acampados assumem responsabilidades coletivas no acampamento (sobre a segurança, a disciplina, a produção, a saúde, a educação, etc.). E estas responsabilidades implicam aprendizagens para argumentar, estruturar sua fala, etc. A familiarização com estas situações pode favorecer outros engajamentos onde a pessoa deve argumentar, como Luiza que participa do Conselho de Pais da escola de seus filhos. O caso de Luiza é interessante porque ela expressa com muita força e entusiasmo seu desejo de se tornar militante do MST: "*pra gente ter mais conhecimento, se aprofundar mais nos estudos do movimento, pra poder ajudar realmente sendo militante, pra poder ajudar outras comunidades... Conhecer outras pessoas, trocar experiências, culturas, gostos, essas coisas*". Aqui, há uma socialização que gera aspirações militantes, socialização pelas práticas comuns na luta e no acampamento, pela frequentação de militantes, a participação mais geral a luta. Parece também como uma "socialização antecipadora"[65], Luiza projetando-se nos modelos propostos pelo MST e seus militantes.

Outros efeitos de socialização podem ser evocados que são efeitos mais difusos:

As afirmações de uma identidade comum: Marcelo ralhando o adolescente que não ajuda para edificar as casas e que diz que todos os sem-terra devem se ajudar mutualmente. A referência aos "sem-terra" joga como uma injunção moral, uma chamada à ordem e uma lembrança da identidade coletiva.

As discussões informais no acampamento mobilizam conhecimentos ouvidos no decorrer da luta com militantes do MST ou pesquisadores aliados da luta. Por exemplo, no início da noite, depois do trabalho, fiquei na frente da casa de Milena com João, seu marido, e quatros homens que estão falando e brincando. Um debate começa sobre os problemas da água e dos poços na Chapada, alguns afirmando que é um problema da

---

[64] « "Les plus hauts ils aiment bien que le peuple... reste aveugle". Groupes de femmes de quartiers populaires et socialisation politique. » Communication lors de la Journée d'études à l'Université de Lausanne « Questionner la notion de socialisation politique: définitions, usages et repérages », 24 janvier 2014.

[65] Robert Merton (en collaboration avec A. S. Rossi), « Contributions à la théorie de la conduite orientée par rapport à un groupe de référence », in R. K. Merton, *Social theory and social structure,* New York, Free Press, 1959, p. 225-280.

seca, outros defendendo que as causas dos problemas da água na Chapada são o bombeamento d'água pelas grandes empresas, a profundidade dos poços delas e o tipo de cultura desses empresas. O que é interessante aqui é que os argumentos são argumentos que vêm dos discursos e das palestras de pesquisadores especialistas da questão do aquífero, particularmente do aquífero Jandaíra. E quando a discussão vira sobre o clima, João usa conhecimentos ouvidos em uma palestra de um universitário especialista da questão do aquecimento global. Então, a participação no movimento na Chapada, por exemplo durante a "semana Zé Maria do Tomé", produz mudanças do ponto de vista, outras maneiras de pensar e de perceber os problemas encontrados.

Assim, a configuração do acampamento e da luta constitui um espaço de socialização, principalmente uma socialização, senão imperceptível, pelo menos não contínua, sempre presente mas sem "envolvência continua". Ademais, a socialização nessa configuração encontra a socialização mais "tradicional" nas configurações familiares, uma socialização que parece mais "envolvente".

A fricção entre dois espaços de socialização: o caso dos papéis femininos

Não posso saber agora quais são os efeitos da esfrega entre os dois espaços de socialização que formam as configurações familiares e a configuração do movimento e da luta. Contudo, há uma dimensão da vida do acampamento que pode esclarecer um pouco essa questão: os papéis femininos nas duas configurações. Em outras palavras, uma consequência da encaixada ou da coexistência de configurações diferentes no acampamento é a diferença das maneiras de fazer ou de ser, a diferença de papéis para mulheres passando de uma configuração a uma outra. No acampamento, durante o dia, uma grande parte das mulheres ficam nas casas, cuidando da vida doméstica e das crianças. Mas ao mesmo tempo, várias mulheres participam nos grupos de organização do acampamento, nas reuniões de coordenação e têm papéis na organização do acampamento[66]. Podemos tomar o exemplo de Milena.

---

[66] Quando encontrei Maria preparando, com outras mulheres, os produtos para vender na feira, ela brincou a propósito de suas responsabilidades no acampamento, dizendo "sim, sou uma pessoa importante". Talvez ter responsabilidades coletivas e públicas não está totalmente natural para ela.

Na família de Milena onde eu fiquei, para construir a nova casa, todos os membros masculinos (avó, pai, irmãos, cunhados) participaram da construção da casa; durante esse tempo, todas as mulheres prepararam o almoço, o café, trouxeram bebidas, café, etc. para os trabalhadores masculinos. E depois das refeições, os homens não limparam os pratos, mas foram descansar antes de voltar no local de obras. Quando as mulheres vinham no local de obras, era para comentar o trabalho ou sugerir de fabricar uma janela suplementar, etc. E isso produziu brincadeiras sobre as relações entre homens e mulheres, sobre as maneiras das mulheres de comentar o trabalho dos homens, etc. Então, na configuração familiar, a gente observa uma divisão do trabalho tradicional entre homens e mulheres, uma diferença de papéis e também uma diferença de maneira de ser bem tradicional e reproduzindo as relações tradicionais nas famílias camponeses do Sertão (e provavelmente mais geralmente nas famílias populares e outras famílias). Aqui, Milena desempenha "seu" papel tradicional de mulher ficando mais no espaço doméstico que os homens, com as outras mulheres e as crianças mais jovens.

Mas, quando estamos na configuração mais política do acampamento e da luta da qual o acampamento participa, é bastante diferente. Milena toma a palavra nas assembleias do movimento da Chapada em nome do acampamento (ela é uma porta-voz dele); ela organiza reuniões no acampamento e durante a reunião que eu vi, ela foi a única mulher com mais ou menos dez homens; e ela foi a animadora da reunião[67]. A diferença de comportamento de Milena é muito grande segundo as configurações.

Então, podemos ver que os papéis podem variar segundo as configurações no acampamento e que a socialização vai variar também. Mulheres vão aprender novos papéis, novas maneiras de fazer e de ser; homens vão ver mulheres com novos comportamentos e há uma possibilidade que alguns mudem suas percepções das mulheres e dos papéis de cada um. Não podemos saber como será o futuro sobre esse ponto. Nesse momento, parece que a coexistência das configurações produz mudança para uma parte das mulheres do acampamento, mas mudanças limitadas na configuração do acampamento e da luta. Então, como têm vários processos de socialização no mesmo

[67] Talvez é porque Milena tem uma experiência militante um pouco mais importante que os homens, mas não é suficiente par explicar seus papeis na configuração do acampamento; outras mulheres têm papeis de organizadores.

momento, talvez podemos falar de "mulheres plurais" como diria Bernard Lahire[68]. Assim, a questão é de saber se os diferentes processos de socialização podem coexistir e se isso vai produzir tensões para as pessoas ou dentro de cada configuração.

Para concluir

No fim desse relatório, preciso voltar às diferenças entre o projeto inicial e a pesquisa, de tipo exploratória, eu realizei.

A hipótese de uma matriz de socialização constituída pelo movimento de ocupação das terras e pela vida dentro de um acampamento ou um assentamento se baseou principalmente sobre a leitura dos textos do MST (sobretudo no site do MST), sobre textos em francês apresentando o MST e sobre análises de ciências sociais do MST e dos acampamentos e assentamentos organizados pelo MST. Estes textos (incluindo as análises de ciências sociais que são frequentemente – demais – sem grande distância com os discursos oficiais do MST[69]) parecem um pouco com a face pública do MST e mais geralmente do movimento camponês pela terra. Nós vimos que a face pública do acampamento diz algo sobre o acampamento e a face pública diz também uma parte da realidade do movimento pela terra no Brasil e do MST. Mas a leitura dos textos do MST orienta principalmente sobre os assentamentos[70] como uma organização e discursos estáveis e sobre discurso militante já bem construídos e conformes ao discurso geral do MST.

A escolha do acampamento Zé Maria do Tomé como campo da pesquisa produziu um efeito importante sobre a pesquisa e sobre os objetivos dela. Podemos dizer que essa escolha contribuiu a precisar o objeto da pesquisa e, mais ou menos, a alterar provisoriamente ele. Se os objetivos de analisar os processos de socialização ligados ao acampamento ficaram, o primeiro momento da pesquisa consistiu em conhecer o

---

[68] Bernard Lahire, *O homem plural. Os determinantes da ação*, Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.

[69] É uma dificuldade das ciências sociais: como conciliar a distância necessária à pesquisa e o papel de aliado com os movimentos sociais? Ou como conciliar essa distância e a necessidade de que a pesquisa tenha uma utilidade social ("Nós consideraríamos que nossas pesquisas não merecem uma hora de esforço se eles tivessem que ter só um interesse especulativo", escreveu Durkheim no prefácio do livro "a divisão do trabalho social. Emile Durkheim, *De la division du travail social*, Paris, PUF, 1978 (1893).). O que conduz a uma nova questão que é: para quem a pesquisa deve ter uma utilidade?

[70] E parece que a maioria do textos e das pesquisas de ciências sociais dizem respeito aos assentamentos.

contexto desses processos de socialização. Esse contexto não se limita ao acampamento, mas inclui o contexto da luta e do movimento na Chapada do Apodi para as terras, a água e contra os agrotóxicos. Isso quer dizer que ele inclui vários atores individuais e coletivos que podem participar, mais ou menos, da socialização e dos percursos dos acampados. O contexto é também aquele de um acampamento recente, pouco estabilizado e com uma fraca presença dos militantes experimentados do MST. Nisso há uma vantagem para o pesquisador que pode ver as mudanças "se fazendo", as tensões e contradições no processo de edificação ou de tentativa de edificação de uma comunidade, mas isso produz também uma dificuldade porque para ultrapassar a instabilidade do contexto e ver os processos, é preciso de um longo tempo de pesquisa.

Se o projeto de pesquisa inicial previa a possibilidade de diferenças entre acampados, de tensões no acampamento ou ainda de lógicas de socialização diferentes e contraditórias no acampamento, o escolha do acampamento Zé Maria do Tomé deu uma importância maior às diferenças e tensões que poderiam ser menos importantes em um contexto diferente, por exemplo em um assentamento com uma longa história coletiva.

Para finalizar, eu aprendi muito sobre esse tipo de acampamento e sobre o contexto específico desse acampamento. Eu pude começar a entrever processos de socialização entre uma socialização de reprodução ou de reforço (da socialização camponesa tradicional) e uma socialização de transformação. Se não é possível descrever e analisar totalmente esses processos e suas articulações, então não é possível dizer como esses processos estão se combinando. É possível hoje sublinhar uma questão que é uma questão tão sociológica quanto política: o futuro do acampamento[71] vai somente reproduzir dentro de um contexto diferente os modos de viver, as maneiras de fazer, de ser, de pensar anteriores ou, a vida no acampamento poderá produzir uma socialização mista entre reprodução e mudança, então um novo modo de vida?

[71] Obviamente, essa questão está pertinente somente se o acampamento vai sobreviver as dificuldades internas e externas.

Bibliografia

Althabe Gérard, “Ethnologie du contemporain et enquête de terrain”, *Terrain*, mars 1990, n°14, p. 126-131.

Becker Howard S., “Biographie et mosaïque scientifique”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 62-63, juin 1986, p. 105-110.

Becker Howard S., Geer Blanche, Hughes Everett C., Strauss Anselm, *Boys in White: Culture Student in Medical School*, New Brunswich, Transaction Publishers, 2004 (1961).

Bizeul Daniel, “Le récit des conditions d’enquête: exploiter l’information en connaissance de cause”, *Revue française de sociologie*, 1998, vol.39, n°4, p. 751-787.

Bleil Susana, « Comer juntos: confirmar a comunidade no quotidiano », *IdeAs* [En ligne], 3 | Hiver 2012, mis en ligne le 13 décembre 2012, consulté le 15 octobre 2015. URL: http://ideas.revues.org/536

Bleil Susana, *Vie et luttes des sans terre au sud du Brésil: une occupation au Paraná*, Paris, Éd. Karthala, 2012.

Boumaza Magali, “L’expérience d’une jeune chercheuse en ‘milieu extrême’: une enquête au Front National”, *Regards Sociologiques*, n°22, 2001, p. 105-121.

Bourdieu Pierre, *Méditations pascaliennes*, Paris, Seuil, 1997.

Bourdieu Pierre, Chamboredon Jean-Claude e Passeron Jean-Claude, *O Ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia.* 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004 (Edição francesa: Bourdieu Pierre, Chamboredon Jean-Claude et Passeron Jean-Claude, *Le métier de sociologue*, Paris, Mouton, 1983).

Bourdieu Pierre, *Questões de sociologia,* Lisboa, Fim de Século - Edições, 2003 (Edição francesa: Pierre Bourdieu, *Questions de sociologie*, Paris, Minuit, 1984).

Bourdieu Pierre, “Compreender”, em Pierre Bourdieu (coord.) *A miséria do Mundo*, Petrópolis, RJ, Vozes, 2008, p. 694-695 (Edição francesa: Pierre Bourdieu, *La misère du monde*, Seuil, 1993).

Bourdieu Pierre, *O senso prático*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 (Edição francesa: Pierre Bourdieu, *Le sens pratique*, Paris, Minuit, 1980.

Darmon Muriel, *La socialisation*, Paris, A. Colin, 2006.

Delbos Geneviève, Jorion Paul, *La Transmission des savoirs*, Paris, éd. de la Maison des Sciences de l’Homme, col. Ethnologie de la France, 1984.

Durkheim Emile, *De la division du travail social*, Paris, PUF, 1978 (1893).

Durkheim Emile, *A Evolução Pedagógica*, Ed. Artmed, 1995. (Edição francesa: Emile Durkheim, *L’Évolution pédagogique en France*, Paris, PUF, 1999 (1938).).

Durkheim Emile, *As regras do método sociológico*, São Paulo, Martins Fontès, 2007. (Edição francesa: Durkheim Emile, *Les Règles de la méthode sociologique*, Paris, PUF, col Quadridge, 1990 (1895).).

Elias Norbert, *La Société des individus*, Paris, Fayard, 1991.

Elias Norbert, *Qu’est-ce que la sociologie ?*, Paris, Edition de l’Aube, 1991.

Elias Norbert, Scotson John L., “Observations on Gossip”, *in The Established and the Outsiders*, London, Frank Cass and Co., 1965.

Ferreira Guimarães Johnatan Razen, *Coordenadas do possível: o lugar da violência e a legitimidade da ocupação de terras na adi 2.213-0*, Dissertação de mestrado, Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, 2015.

Fournier Pierre, “Des observations sous surveillance”, *Genèses*, 1996, vol. 24, n°1, p. 103-119.

Gadelha De Carvalho Sandra Maria, *Educação do campo: PRONERA, uma política pública em construção, doutorado em educação brasileira*, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza 2006.

Gouirir Malika, "L'observatrice, indigène ou invitée ? Enquêter dans un univers familier", *Genèses*, 1998, vol. 32, n°1, p. 110-126.

Grojean Olivier, "Les aléas d'un terrain comme révélateurs de sa structuration. Gestion et objectivation d'une relation d'enquête sur une mouvance radicale et transnationale", *Revue internationale de politique comparée*, 2010/4 Vol. 17, p. 63-76.

Hoggart Richard, *La culture du pauvre*, Paris, Minuit, 1970.

Lahire Bernard, *O homem plural. Os determinantes da ação*, Petrópolis, RJ, Vozes, 2002 (Edição francesa: Bernard Lahire, *L'homme pluriel*, Paris, Nathan, 1998).

Lahire Bernard, *Retratos sociológicos. Disposições e variações individuais*, São Paulo, Artmed, 2004 (Edição francesa: Bernard Lahire, *Portraits sociologiques, Dispositions et variations individuelles*, Nathan, Paris, 2002).

Mathieu Lilian, "L'espace des mouvements sociaux", *Politix*, 2007/1, n° 77, p. 131-151.

Matonti Frédérique, Poupeau Franck, "Le capital militant. Essai de définition", *Actes de la recherche en sciences sociales*, 2004/5 – 155, p. 4-11.

Merton Robert, "Contributions à la théorie de la conduite orientée par rapport à un groupe de référence", in Robert Merton, *Social theory and social structure,* New York, Free Press, 1959, p. 225-280.

Olivier de Sardan Jean-Pierre, "La politique du terrain. Sur la production des données en anthropologie", *Enquête*, n° 1, 1995.

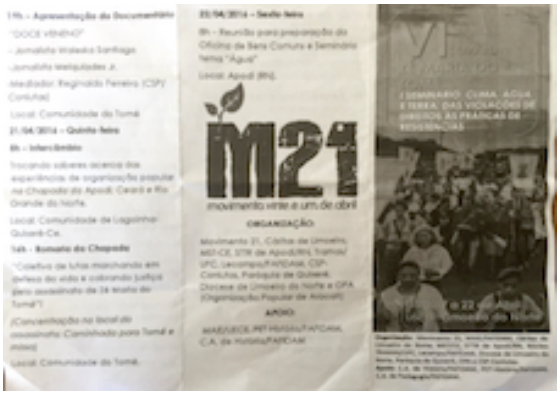
Schwartz Olivier, "L'empirisme irréductible", Postface à Niels Anderson, *Le hobo, sociologie du sans-abri*, Paris, Nathan, 1993 (1923).

Skeggs Beverley, *Des femmes respectables. Classe et genre en milieu populaire*, Paris, Agone, L'ordre des choses, 2015.

Stédile João Pedro, Fernandes Bernardo Mançano, *Brava gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

Anexos: documentos do movimento na Chapada do Apodi

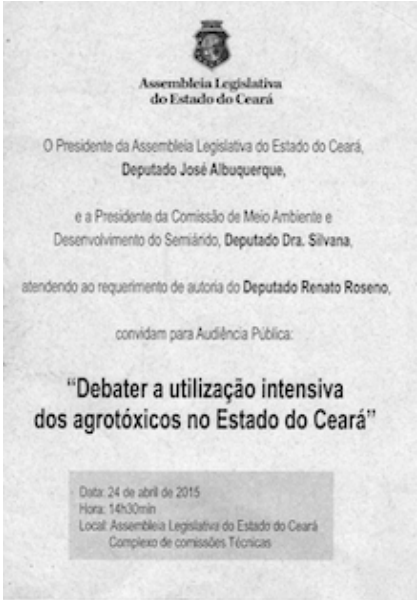
VI semana Zé Maria do Tomé



Panfleto sobre os agrotóxicos

Panfleto sobre a água

Anuncia da Audiência pública sobre os agrotóxicos



Anexos: fotografias do acampamento Zé Maria do Tomé

Entrada do acampamento

Casas e barracas no acampamento

Casas e canal de irrigação

Casa e espaço comuns no acampamento

Plantações no acampamento

Feira do acampamento no Limoeiro do Norte

Palavras de ordem no acampamento

Índice

Agradecimentos....2

Introdução e aviso....3

O projeto inicial....4

O campo da pesquisa e a metodologia empírica....6

Apresentação do campo da pesquisa....6

O trabalho empírico....7

A pesquisa em atos e os efeitos de conhecimento....9

Falar da pesquisa em atos e das maneiras que se construíram as pistas de análises: a importância de uma análise reflexiva....9

Entradas diversas no campo da pesquisa e faces diversas do acampamento....10

Entrada pelo Movimento 21 e faces públicas....11

Entrar diretamente no acampamento e aproximação das faces internas....18

O acampamento e as condições das socializações: esboços de análise....26

Diferencias sociais dentro do acampamento e tensões sociais....26

Diferencias sociais não muito visíveis no primeiros momentos no acampamento.26

Tensões dentro do acampamento e alteração da solidariedade....28

Precariedade da vida e acampamento pouco institucionalizado....29

O acampamento em um processo muito instável....29

Configurações e socializações encaixadas ou separadas?....31

Configurações familiares....31

Configuração do acampamento e configuração da luta....34

A fricção entre dois espaços de socialização: o caso dos papéis femininos....38

Para concluir....40

Bibliografia....42

Anexos: documentos do movimento na Chapada do Apodi....46

Anexos: fotografias do acampamento Zé Maria do Tomé....48